

UMA LEITURA FUNDAMENTAL PARA OS ESTUDIOSOS DOS CONTOS DE FADAS

Marcos Scheffel

Universidade Federal do Rio de Janeiro
marcos.scheffel53@gmail.com

A 63ª edição do Prêmio Jabuti premiou *Sagatrissuinorana*, obra de João Luiz Guimarães e de Nelson Cruz, como melhor livro infantil do ano. Em linhas gerais, o livro é um reconto da história dos três porquinhos e do lobo mau à moda de Guimarães Rosa – com a criação de neologismos e com um cenário que remete ao Brasil profundo presente na obra roseana. Valendo-se da técnica das duas histórias – uma aparente (o reconto dos três porquinhos) e outra narrada ao fundo (a tragédia ambiental de Mariana e Brumadinho) – o livro produz um efeito de denúncia impactante. Tanto um leitor criança como um leitor adulto podem ler a obra mantendo sua potência enquanto literatura de alto valor.

Esse livro premiado comprova a afirmação de Jack Zipes, na introdução à Terceira Edição do seu livro *Os contos de fada e a arte da subversão – o gênero clássico para crianças e o processo civilizador*, de que no século XXI a produção de contos de fadas com diferentes propósitos continua intensa “contamos e consumimos contos de fada todos os dias no nível pessoal sem termos consciência de que dependemos deles para atravessar o dia.” (2023, p. XVIII) É fácil perceber essa presença dos contos de fadas: em expressões da língua, em memes que circulam nas redes sociais, nas recorrentes adaptações fílmicas, nas reedições em edições simples ou de luxo, em programas governamentais de formação de leitor ou nas novas versões que surgem dessas histórias.

Tendo em vista essa presença do gênero, o livro de Jack Zipes, lançado pela Editora Perspectiva, com tradução de Camila Werner, preenche uma importante lacuna nos estudos sobre os contos de fada oferecendo uma análise histórica e crítica do gênero desde sua origem com os italianos Straparola e Basile até o século XX. No Brasil é comum que ao se falar sobre esse gênero se recorra ao livro *A psicanálise dos contos de fada*, de Bruno Bettelheim¹ ou *A morfologia do conto maravilhoso*, de Wladimir Propp.

Jack Zipes segue um caminho diferente desses dois teóricos. De acordo com Zipes, a tese de Bettelheim sobre os contos de fada é que eles sugerem imagens para as crianças que propiciam a elas trabalharem seus conflitos, ou seja, os contos teriam um caráter terapêutico. Já as teorias estruturalistas de Propp apagam as marcas históricas e sociais dos contos, tornando-os universais, atemporais e eternos. Em *Os contos de fada e a arte da subversão* Zipes propõe uma outra abordagem que pode ser assim sintetizada: os contos de fada foram ao longo de sua história usados como elementos do processo civilizatório de adultos e crianças, ou seja, por meio deles valores “civilizados” (de uma determinada ordem econômica / social) foram reforçados ou foram questionados (a subversão da ordem imposta).

¹ Trata-se de uma bibliografia que deve ser considerada no mínimo problemática, pois pesam sobre o autor austro-americano uma série de denúncias como: mentir sobre sua formação em psicologia, plagiar trabalhos acadêmicos e o tratamento abusivo de estudantes.

Tal perspectiva analítica se baseia no grande conhecimento do autor sobre o conto de fadas em vários países. Jack Zipes é professor emérito de alemão Literatura Comparada e Estudos Culturais da Universidade de Minnesota e tradutor do alemão para o inglês dos contos completos dos Irmãos Grimm em 1987 (com acréscimos feitos em 1992 e 2002). Para se ter uma ideia, uma edição semelhante a essa – traduzindo a totalidade dos contos dos autores alemães para o português – só ocorreu em 2018². *Os contos de fada e a arte da subversão* foi publicado originalmente em 1982 e teve acréscimos importantes na sua terceira edição, com a inclusão dos capítulos sobre a origem italiana do gênero e com a análise das adaptações de Walt Disney.

A importância de Giovan Francesco Straparola (1485–1558) e de Giambattista Basile (1566-1632) como autores que configuraram o gênero entre os séculos XV e XVII “é um dos segredos mais bem guardados da história dos contos de fada.” (2023, p.15). Esse “segredo” muda uma ideia do senso comum de uma origem francesa do gênero, com um protagonismo de Charles Perrault (esquecendo as várias autoras mulheres francesas do mesmo período que se dedicaram ao gênero), e nos obriga a entender as condições históricas e sociais que levaram esses dois autores italianos a escreverem obras como *Noites Agradáveis* (1553), de Straparola, e o *Pentameron ou O conto dos contos* (1634), de Basile. Sobre Straparola comenta Zipes:

“O fascínio de sua obra pode ser atribuído a diversos fatores: o uso de adivinhações eróticas e obscenas; o domínio do italiano culto usado pelos narradores na moldura narrativa; as introduções das histórias feitas em uma linguagem corrente e clara; a visão crítica sobre as lutas de poder na sociedade italiana e a falta de pregação moral.” (2023, p.16)

Já Basile se vale de seus profundos conhecimentos da língua, da cultura e da sociedade napolitana, escrevendo “contos de fada por inteiro revisados a partir da tradição oral e contados por figuras das classes menos privilegiadas.” (2023, p.21) O conhecimento que os autores franceses tinham dos italianos é inegável, residindo aqui uma outra perspectiva importante do professor e crítico americano: o fato de os contos de fada terem autores e que a ideologia desses autores se manifesta pelas mudanças que eles promoveram nos contos populares ou nas versões de outros autores. Um bom exemplo disso é o Gato de Botas. As histórias “Constantino Fortunato” de Straparola e “Cagliuso” de Basile trazem a figura de um gato que ajuda um pobre a se tornar rei. Na versão de Charles Perrault, o tema é transformado e o gato representa a alta burguesia e se torna o herói da história, trazendo a moral de que para vencer na corte é preciso ser ardiloso.

Fica evidente que Charles Perrault, Catherine d’Aulnoy, Marie-Jeanne L’Heritier, Catherine Bernard, Charlotte-Rose Caumont de la Force, para escreverem seus contos de fada, estudaram o folclore francês, mas também fizeram empréstimos da tradição literária italiana. Em um primeiro momento esses contos serviram para disseminar valores burgueses, normas de civilidade para o público adulto, pois:

“A socialização literária era uma forma de disseminar valores e interesses, e de fortalecer, de maneira subliminar, a influência sobre o processo civilizador. [...] Nos séculos XVII e XVIII, surgiram diversos livros, panfletos e brochuras que lidavam com as maneiras à mesa, as funções naturais, a etiqueta no quarto, as relações sexuais e o modo correto de falar.” (2023, p.48)

2 Trata-se do livro Irmãos Grimm – contos maravilhosos e domésticos, tradução de Christine Röhrig, editora 34, 2018.

Em *Histórias do tempo antigo*, livro publicado em 1697, Perrault reforça padrões e modelos de comportamento femininos. A bela adormecida, por exemplo, é agraciada pelas fadas com os seguintes dons: a beleza, o temperamento de um anjo, a habilidade dançar, a voz de um rouxinol – uma perfeita aristocrata. Para Perrault: “Sua *femme civilisée* ideal da alta sociedade, a composição feminina, é bonita, educada, graciosa e bem arrumada e sabe como se controlar o tempo todo.” (2023, p. 53) A beleza é um atributo das mulheres e a inteligência um atributo dos homens. O único desejo das mulheres é o casamento, enquanto os homens buscam prestígio, poder e fortuna. Em resumo, os contos divulgam valores patriarcais, burgueses e capitalistas.

Nos demais capítulos de sua obra Zipes analisa como os contos de fadas têm servido ao longo dos anos para divulgarem valores, que hora podem ser conservadores, hora podem ser progressistas. A tendência conservadora se manifesta principalmente nos Irmãos Grimm, em Hans Christian Andersen, nos autores alemães do período nazista e em Walt Disney. Já as tendências progressistas se manifestam em maior grau nos contos de fada contemporâneos – que discutem questões trabalhistas, ambientais, feministas – ou em *O Mágico de Oz*, de Frank Baum, obra que é analisada como um conto de fadas moderno. O contraste entre as produções de Frank Braum e Walt Disney ajuda a compreender as teorias de Zipes o poder dos contos de fadas, pois ambos autores americanos carregaram suas obras de uma perspectiva ideológica, mas em direções contrárias.

Para Zipes, Frank Braum foi o responsável por americanizar “esse gênero literário predominantemente europeu” com um conto de fadas utópico longo – com 14 livros escritos pelo autor sobre a terra de Oz. O primeiro livro da série foi publicado em 1900 com ilustrações de W.W. Denslow e logo se tornou um musical de sucesso. É importante saber que Braum era oriundo de uma família rica, mas tinha perdido sua riqueza, experimentando a “mobilidade social para baixo”. Some-se a isso seu casamento Matilda Electa Joslyn Gage (1826-1898) – uma famosa defensora dos direitos das mulheres e de outras causas progressistas – e podemos entender o protagonismo que as personagens femininas têm em Oz, como assinala Zipes:

O espantalho, o homem de lata e o leão são tipos norte-americanos reconhecíveis e Baum emprega a convenção tradicional dos contos de fada para sintetizar a qualidades de cada um por meio de uma figura feminina. Seu objetivo é reunir os solitários e os marginais para descrever o quanto eles são capazes. (IDEM, p. 173)

Por meio dessas personagens Baum questiona o processo civilizador dos Estados Unidos, lembrando que esse é um período de grande crise na sociedade norte-americana, de falta de perspectivas, de empobrecimento de grande parte da população. No segundo livro da série *A maravilhosa terra de Oz* os leitores assistem a uma revolução promovida por mulheres que tomam o poder do Espantalho na Terra das Esmeraldas, que ao final do livro é retomado pela hermafrodita Ozma. Na visão utópica de Baum, as mudanças utópicas passariam pela destituição do patriarcado e pela instauração de uma sociedade fundada em bases igualitárias e pacifistas.

Já no capítulo “A missão civilizadora de Walt Disney: da revolução à restauração” Jack Zipes analisa a relação do produtor e diretor americano com os contos de fadas. Relação que data desde seus primeiros experimentos cinematográficos e que vai impulsionar a fama de seu estúdio com produções como *Os três porquinhos* e *Branca de Neve e os Sete Anões*. Ao apropriar-se dos contos de fadas Disney promoveu “uma grande regressão e fez com que muitos aspectos libertadores dos contos de fadas fossem domados e se voltassem contra si.” (2023, p.251) As mudanças operadas por Walt Disney em *Branca de Neve e os Sete Anões* (1937) – quando comparada a versão dos irmãos

Grimm – comprovam os objetivos do produtor americano de veicular “um mito masculino sobre a perseverança, trabalho duro, dedicação e justiça” (2023, p.267). Mesmo o protagonismo dos sete anões, algo que não há na história dos autores alemães, pode suscitar tanto a simpatia dos expectadores, que se identificam com aqueles humildes trabalhadores (lembrando que é um período pós a grande recessão), ou indicar que os anões trabalham em favor do projeto de Disney.

Projeto que pode ser assim sintetizado: prioridade da técnica sobre a história; cuidado na seleção das imagens conduzindo a leitura dos expectadores; geração de um senso de integralidade; as personagens são estereótipos; padrões de comportamento são divulgados; a ênfase na limpeza, no controle e na organização; privilégio sobre o espetáculo, sem o desenvolvimento de um senso de comunidade; formação de expectadores não reflexivos. Zipes assinala como essas concepções de Walt Disney começaram a ser questionadas em filmes como *Shrek* (2001) em que as personagens dos contos de fadas são banidas para um pântano e se veem livres da força puritana de Lorde Farquaad.

Os contos de fadas e a arte da subversão é um livro que motiva outras leituras, tanto de livros de contos de fadas pouco conhecidos, como de obras teóricas sobre o gênero, muitas delas pouco conhecidas aqui no Brasil. Há também outras obras de Zipes não traduzidas para o português como *Breaking the Magic Spell – Radical Theories of Folk and Fairy Tales* (1979) e *Don't Bet on the prince – contemporary feminist fairy tales in North America and England* (1986). Essas obras também merecem traduções para o português, tendo em vista o rigor crítico e a erudição de seu autor que nos mostra a potência dos contos de fadas em pleno século XXI.

Referências

ZIPES, Jack. Os contos de fada e a arte da subversão – o gênero clássico para crianças e o processo civilizador. Tradução de Camila Werner. São Paulo: Perspectiva, 2023.

Recebido em: 27/12/2023

Aceito em: 18/06/2024